

Os argumentos que os senhores formulam na discussão da teoria de conhecimento que estamos elaborando forçam o presente curso para uma digressão à qual dedicarei a presente "aula". Está se tornando óbvio que o teste da nossa teoria do conhecimento será uma teoria da tradução a ser elaborada. Essa teoria deverá explicitar dois fatos opostos: deverá explicar porque traduções são possíveis dando um significado determinado ao termo "tradução", e deverá explicar porque traduções são impossíveis, dando um significado diferente a esse termo. O professor Leonidas deu um exemplo do primeiro caso na última sexta-feira: a tradução da geometria plana para a geometria tridimensional é possível. Darei agora um exemplo do segundo caso: a tradução da geometria plana para a linguagem do misticismo é impossível. As três linguagens em discussão, a da geometria plana, da geometria tridimensional, e do misticismo significam o mesmo "algo", a saber a "realidade", se fôrmos dar crédito à filosofia tradicional, inclusive aos neo-positivistas. As frases das duas geometrias e do misticismo são verdadeiras, de acordo com essa filosofia, se e quando espelham uma situação da realidade. No entanto, procurarei provar que as frases da geometria plana são introduzíveis para frases do misticismo. De duas uma: ou (1) a linguagem da geometria é significativa, não o sendo a linguagem da mística, ou a linguagem da mística é significativa, não o sendo a linguagem da geometria, ou ambas são insignificativas, ou (2) ambas as linguagens são significativas, mas a impossibilidade de tradução entre ambas prova que o seu significado não reside num espelhar de "algo" que seja comum a ambas. É óbvio que não podemos condenar uma das duas linguagens, ou ambas, à falta de significado. É portanto a segunda alternativa a que deve ser explicada pela teoria de tradução que procuraremos elaborar hoje. Uma consideração preliminar torna-se desejável: os exemplos que forneci exemplificam linguagens do tipo que chamarei camadas de língua. A geometria plana, a tridimensional e a mística são camadas de uma língua "natural", por exemplo da língua portuguesa. Chamarei traduções entre camadas de "traduções verticais". Existem línguas naturais, como o português e o sushili. Podemos imaginar traduções de uma frase mística portuguesa para uma frase mística sushili. Chamarei esse tipo de tradução de "tradução horizontal". Considerarei, como ponto de partida deste argumento, as línguas "naturais", sem examinar, no presente contexto, a sua problemática "naturalidade".

De um ponto de vista estrutural podemos tentar forçar as línguas naturais para o seguinte esquema: (veja desenho anexo). Discutirei apenas as línguas do tipo flexional, e considerarei a possibilidade de traduções entre línguas de estrutura diferente em ocasião futura. Simplificando radicalmente, as línguas flexionais são caracterizadas pela seguinte estrutura: Consistem de palavras. Essas palavras permitem uma consideração fora e dentro de frases. Consideradas fora da frase, as palavras são flexionáveis. Considerarei apenas dois tipos de flexão, a declinação e a conjugação. A declinação é a flexão de palavras do tipo chamado "substantivos" ou palavras semelhantes. A conjugação é a flexão de palavras do tipo "verbos". Existem flexões que transformam palavras de um tipo para outro. Estas considerarei talvez mais tarde. A declinação é responsável por aquele aspecto do nosso mundo externo que chamamos "espaço", e a conjugação por aquele aspecto que chamamos "tempo". Línguas de outra estrutura não podem resultar em mundos que tenham aspectos do espaço e tempo no nosso significado desses termos.

Palavras podem ser também consideradas dentro do contexto da frase. Dêste ponto de vista surgirão os problemas do sujeito, predicado, objeto, etc., e os problemas da indicação da interrogação, do imperativo, etc., que considerarei mais tarde, se me restar tempo.

As línguas do nosso tipo se apresentam, se vistas de fora, de duas maneiras: como sons e como desenhos. (Língua falada e escrita). Uma breve consideração dos desenhos revelará que se trata de símbolos de sons, com algumas exceções, por exemplo os algarismos. No curso do discurso desenvolveram-se, no entanto, sistemas de símbolos que não simbolizam sons da língua falada, por exemplo a lógica simbólica ou a anotação da música. Os sistemas de símbolos que representam sons da língua falada, (os alfabetos), são resultados do esforço de traduzir o significado da língua falada para as duas dimensões do plano. Os sistemas de símbolos que não representam sons da língua falada são resultados do esforço de traduzir da língua falada para as duas dimensões do plano. A língua falada serve, em todos esses sistemas, de sistema referencial, e todos esses sistemas são derivados. Esses esforços de tradução são cercados de êxito considerável, mas limitado. Os alfabetos traduzem o significado da língua falada, mas não todo o significado. A matemática e a anotação musical traduzem a estrutura da língua falada, mas não toda a estrutura. É um problema do qual trataremos detalhadamente no futuro. Seria um erro chamar os símbolos da matemática ou da lógica de "ideogramas". Os ideogramas da língua escrita do Oriente independem da língua falada, têm autonomia muito maior que os símbolos algebráicos por exemplo. É possível que historicamente alguns ideogramas tenham surgido de um esforço de traduzir língua falada. Outros surgiram de um esforço pictórico, isto é de um gesto inarticulado. Mas em seu conjunto é a escrita oriental um sistema autônomo, e estruturalmente inteiramente diverso do nosso tipo de línguas.

Esta é pois a estrutura das nossas línguas, radicalmente simplificada. A minha teoria de tradução afirma que traduções são possíveis entre línguas do nosso tipo, dada essa identidade fundamental de estrutura. De acordo com esta minha teoria, a tradução consiste na adequação de uma frase digamos portuguesa para uma frase digamos árabe da seguinte maneira: Analisamos primeiro a frase portuguesa no nível da frase e no nível das palavras. Escolheremos em seguida frases árabes de estrutura semelhante, e palavras árabes de tipo semelhante. Chamaremos o resultado, que será uma frase árabe consistindo de palavras árabes, de "tradução da frase portuguesa". É óbvio que a nova frase não será o equivalente perfeito da frase original, já que não haverá uma correspondência ponto por ponto. A situação de realidade que a frase árabe estabelecerá não será idêntica com a situação de realidade estabelecida pela frase portuguesa. As duas realidades serão diferentes, e neste sentido posso dizer que a tradução é impossível. Mas serão estruturalmente semelhantes, e neste sentido posso dizer que a tradução é possível. Consideremos por um instante porque serão diferentes as duas situações de realidade.

Darei dois exemplos. A conjugação do verbo indogermânico realiza um tempo que se articula em passado, presente e futuro. A conjugação do verbo semítico realiza um tempo que se articula em passado e futuro. Na realidade semítica o presente não é tempo. Se traduzo a frase portuguesa "eu falo" pela frase hebraica "ani omer" mudei inteiramente de situação de realidade. A situação do "eu falo" é dinâmica porque envolve tempo. A situação do "ani omer" (literalmente

"eu falador") é estática, porque não envolve tempo. Mas trata-se não obstante de tradução, porque a estrutura da frase portuguesa é "eu sou falador" e que corresponde aproximadamente à estrutura da frase hebraica, de um língua-portanto que não contém o verbo "ser", não permitindo a tradução da palavra "sou" portuguesa. Segue o exemplo. Considerem o grupo de palavras "a casa do livro". Devido à declinação esse grupo estabelece uma relação entre dois nomes que é o núcleo de uma situação de realidade. "A casa" é nominativo, "do livro" é genitivo, e a situação é portanto caracterizado por uma relação do tipo "propriedade". A casa é propriedade do livro. Implica na situação "o livro tem casa". Considerem agora a tradução para o hebraico "bejt hasefer". O que está sendo declinado agora é o primeiro nome "bejt" (casa). As nossas categorias "nominativo" e genitivo não são aplicáveis à situação de realidade que está surgindo. Não obstante trata-se de uma tradução aproximadamente legítima, devido à nossa análise que resultou em "O livro tem casa". É verdade que o hebraico desconhece verbos como "ter" ou "aver" e desconhece o presente. A frase "o livro tem casa" é portanto intraduzível. Mas o hebraico tem um dativo que é muito semelhante ao nosso. Posso construir a frase hebraica "Bajit lisefer" (literalmente "casa ao livro) e posso, muito laboriosamente, adequar o verbo português presente "ter" a esse dativo, por exemplo "casa pertence ao livro". Posso afirmar portanto que a tradução de "casa do livro" por "bejt hasefer" é aproximadamente correta. Mas terei uma surpresa. "Bejt hasefer" que agora descobri tão laboriosamente ser "casa do livro" significa "escola". É esta minha descoberta será fatídica para a minha crença em situação de realidade no além das línguas. Não existe uma escola em si que as duas línguas procurem articular, e o nosso exemplo o prova existencialmente. O máximo que podemos dizer é o seguinte: no contexto do mundo criado pela língua hebraica as palavras "bejt hasefer" ocupam um lugar aproximadamente correspondente ao lugar ocupado pela palavra "escola" (isto é lugar de contemplação e ócio, "schole") no contexto do mundo criado pela língua portuguesa.

Tudo o que acabo de dizer refere-se aquêles tipo de tradução que chamei de "horizontal" na introdução ao problema. As frases que consideramos até agora participam todas aproximadamente da mesma camada linguística que denominarei pelo termo "conversação", e este será um termo técnico doravante. Definirei a camada conversacional como a camada de argumentos que conversam versos. Definirei "verso" como frase que predica um nome próprio original, e definirei a camada linguística na qual ocorrem versos como "poesia". Trata-se de definições "ad hoc" formuladas, e peço que os senhores as aceitem sem compreender, por enquanto, com que finalidade recorro a estes termos. Tudo que discutimos até agora refere-se a traduções de frases conversacionais portuguesas para frases conversacionais hebraicas, e traduções horizontais portanto. Formularei portanto a minha teoria desse tipo de traduções como segue: Traduções horizontais são adequações mútuas entre duas estruturas de línguas em camadas correspondentes. Serão tanto mais bem sucedidas, quanto mais semelhantes forem as estruturas, e quanto mais pobres forem em significado. Creio que a minha definição é agora plausível quanto à semelhança de estrutura. Tratarei agora da pobreza de significado.

Nas exposições anteriores defini o discurso como o exaurir progressivo de significados pela predicação de nomes. O processo se inicia pela predicação de nomes próprios cujo

significado é infinito. Os nomes próprios aparecem no discurso por uma atividade que denominei de "chamar", mas mudarei agora do termo. Direi que esta atividade de chamar é a atividade da poesia. Frases que predicam nomes próprios novos produzidos pela poesia são versos. Versos constituem a camada poética da língua. A camada conversacional é resultado de um esforço de tradução vertical: consiste de versos traduzidos em prosa. Nessa tradução nomes próprios são traduzidos em nomes de classes, e a estrutura densa e implícita do verso é afrouxada e explicitada. É óbvio que se trata de uma tradução progressiva. A qualidade poética do verso é progressivamente prosaizada pela conversação em curso. A camada conversacional da língua pode ser portanto estratificada em subcamadas de acordo com o grau de prosaização alcançado. A subcamada da qual os nossos exemplos de uma tradução horizontal foram tirados é relativamente pouco desenvolvida. Coloca-se relativamente perto da camada da poesia. É esta a razão da relativa dificuldade da tradução do português para o hebraico nessa subcamada. Se os exemplos tivessem sido tirados de uma camada mais desenvolvida e mais prosaica, por exemplo daquela conversação chamada "química", as dificuldades de tradução teriam sido muito menores. Imagine que a tradução da frase portuguesa "um moléculo de sal de cozinha consiste de um átomo de sódio e outro de cloro" não teria oferecido grande dificuldade. Se passássemos para uma camada um pouco mais adiantada, por exemplo para a camada de frases como "Na + Cl" = "NaCl" a dificuldade de tradução seria mínima, e consistiria apenas na substituição do alfabeto latino pelo hebraico. Finalmente chegaríamos à camada puramente formal da lógica simbólica, e nela não haveria dificuldade de tradução, porque toda tradução desapareceria. A lógica formal é a articulação da estrutura comum ao português e hebraico, e nessa camada isenta de significado as duas línguas se confundem. No fundo é esta identidade aquilo que permite a tradução entre qualquer camada. Se analisada a tradução horizontal, ela se desvenda como um caso complicado de traduções verticais sucessivas. A frase portuguesa a ser traduzida para o hebraico é traduzida verticalmente para a camada da lógica simbólica, e retraduzida de lá para a camada conversacional hebraica correspondente. A rapidez com a qual executamos na prática traduções encobre e vela a complexidade desse processo. Na tradução vertical para a camada formal despimos progressivamente a frase do seu significado e explicitamos a sua estrutura. Na retradução para a camada conversacional vestimos a frase novamente de significado, mas obviamente de um significado ligeiramente diferente do primeiro. Frases muito prosaicas, isto é relativamente pobres em significado e mais próximas de camada formal, são facilmente traduzíveis, porque o circuito a percorrer é relativamente estreito. Frases plenas de significado, como versos, não são traduzíveis nem entre línguas de estrutura muito semelhante, porque o circuito é muito longo. É este fato o que a minha definição da tradução horizontal articula.

Antes de considerar traduções verticais quero responder a uma objeção formulada pelo nosso jovem amigo, a saber aquela que tinha a traduzibilidade do português para o andamanês por tema. Se minha argumentação fôr válida, é óbvio que podemos traduzir do português para o andamanês apenas na medida em que encontraremos um fundamento formal comum a ambas as línguas. Desconsiderarei o fato que mesmo encontrado esse fundamento comum, a tradução será muito vaga, dado o fato de não existir, por exemplo, declinação e conjugação na língua andamanesa, portanto nem tempo nem

espaço no nosso significado do termo. Mas veja um aspecto puramente formal do problema. Na nossa lógica simbólica se $a=b$ é verdade, $a \neq b$ não é verdade. Mas sei do meu conhecimento do andamanes que um dançarino pode ser batata doce e não ser batata doce simultaneamente. A estrutura da sua língua deve ser portanto inteiramente diferente da minha. Se descobrir, mesmo assim, algum fundamento comum, este deve ser tão tênue a ponto de tornar traduções esforço irrisório e frustrado. Não digo que são impossíveis essas traduções, mas devem se afastar do original de forma absurda. Sei que Lin Yu Tang tinha acessos de riso ao ser apresentado pelas traduções de Li Tai Po feitas por Ezra Pound, e é esta comicidade do esforço que tenho em mente.

Posso e considero rapidamente a tradução vertical, da qual a tradução horizontal não passa de um caso complexo. Empristo o exemplo fornecido pelo prof. Leonidas na última sexta-feira. Traduzo verticalmente da geometria tridimensional para a geometria plana. A estrutura da língua da geometria tridimensional contém, entre outros elementos lógicos e formais, três eixos cartesianos que coordenam pontos. Esses três eixos são espaço prosaizado, e são derivados em última análise, da declinação de nomes. A linguagem da geometria tridimensional é uma conversação altamente prosaica e afastada da poesia. Tratarei de prosaizar essa linguagem ainda mais, e eliminarei um dos eixos. Empobrecerei o significado da linguagem geométrica com essa minha eliminação, porque doravante todos os pontos dos quais falarei terão apenas duas coordenadas, e todas as minhas equações serão apenas quadradas e terão apenas duas raízes. A minha nova linguagem será mais econômica e simples, e empregará menos termos. Não será menos vasta de que a geometria tridimensional, porque toda a geometria tridimensional pode ser projetada sobre a geometria plana. Mas será menos significativa. Os nomes que empregarei serão afastados a um passo a mais dos nomes próprios que são predicados em versos. A geometria plana, por estar afastada mais um passo da plenitude da situação real estabelecida pelo verso, tem neste sentido menos realidade que a geometria tridimensional, e neste sentido é o espaço tridimensional mais real que o espaço plano. Pois é este justamente o motivo porque traduzo verticalmente. Para alcançar maior economia de termos e menor realidade. No fundo, a tradução vertical não passa de um aspecto global da predicação de nomes próprios em direção de nomes de classes. Com efeito: a linguagem da geometria plana é, como um todo, uma classe da qual a geometria tridimensional é um membro. Definirei portanto a tradução vertical como segue: a tradução vertical ascendente é o verter do verso em direção da conversação e converte progressivamente o verso em prosa. A tradução vertical descendente é a tentativa de reverter a conversação em direção do verso, e é portanto uma tradução invertida. Voltarei ao problema da tradução vertical quando discutir o verso e a poesia.

Considerem agora a tentativa de uma tradução de uma frase da geometria plana para o misticismo. Disse que línguas do nosso tipo podem ser consideradas como sistemas de palavras organizadas em frases e que estas frases podem ser classificadas por exemplo em indicativas, imperativas, interrogativas, etc. O verso, na sua estrutura densa, é uma síntese dessas diversas formas de frases. A conversação explícita nessa estrutura densa nas formas acima enumeradas. A geometria plana verte o verso em tradução vertical para a forma de frases indicativas, e interrogativas. O misticismo, se analisado formalmente, será desvendado como conversação que